



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425



Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel.
Pode abrir-se para
verificação postal.

Autorização DEO032077CE



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

1 de Janeiro de 2022 • Ano LXXVIII • N.º 2030
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

PÃO DE VIDA

Obra da Rua – 82 anos!

A primeira Casa do Gaiato veio, depois, a receber o nome da cidade do rio Mondego. De Coimbra, dos poetas e doutores, frades e monges que padeceram em 1834. É bem notório o importante mosteiro de Santa Cruz, com riquíssimo espólio espiritual e cultural, ligado a S. Teotónio e às relíquias dos Mártires de Marrocos, no qual foram tumulados o 1.º Rei de Portugal e o *Povoador*; e onde Cónegos Regrantes receberam Fernando Martins [Santo António], que depois subiu para os Olivais, apaixonado pelo Pobrezinho de Assis.

Padre Américo deu à *Obra a máxima objectividade, educando a criança como ela deveria sê-lo em sua casa, no seu meio, dentro das possibilidades da família*. Assim, foi acolhendo garotos das ruas de Coimbra e também vadios das feiras, afeitos a dormir em palheiros: — *sou filho das tristes ervas, tenho andado ao deus-dará*.

De muitos episódios da rapaziada no seu à vontade, eis alguns: *Todos nós, os que somos filhos do trabalho dos campos, fazíamos a mesma coisa em pequenos, na casa dos nossos pais. E como tínhamos irmãos traquinas ou éramo-lo nós mesmos, também os há na Casa do Gaiato, para ser em tudo casa de família: um dos da capoeira, para contar travessuras somente desta secção, arrigou toda a plumagem dum galo de raça e sorriscou, duma vez, a coelheira, onde estavam coelhos nascidos ontem, que morreram todos! [...] Há um que finge com muita graça as vozes dos animais e não poucas vezes sucede enxotar a Regente de debaixo das mesas, cana na mão, o gato ou o cão da casa: e não é o gato que mia nem cão que ladra, mas sim o garoto que brinca!* [*Obra da Rua*, p. 46-50].

O seu desejo de ser frade menor, renovado após a ordenação, acabou por ser trocado pela paternidade sacerdotal, pois o seu Bispo deu-lhe licença para ser esmoler dos pobres e pai dos gaiatos das ruas, como confessou: *Sentado à sombra de uma oliveira, na orla da Casa do Gaiato, respira a gente, ao fazer desta, do ar perfumado do tempo; ouve o cantar dos passarinhos; e sente na alma a riqueza espiritual de uma Paz duradoira, reflexo da imutabilidade de Deus. Em baixo, os três mais pequeninos, por não terem obrigação, colhem papoilas nos campos: — Pai Meco, olhe!* [*Pão dos Pobres*, IV, 1984, p. 24].

Continua na página 3



MALANJE

RECEBEMOS desde Malanje a triste notícia da partida de um dos nossos rapazes. O Zezinho entrou no Gaiato quando apenas era um «Batatinha» de 6 anos. Naquela altura umas irmãs nos informaram que tinham umas casinhas destinadas a idosos e em uma delas

encontrava-se uma avó a viver com um menino... era urgente encontrar um lugar para o miúdo donde pudesse estudar e cuidar dele e o Gaiato como família seria o lugar ideal... assim foi como o José Luís entrou no Gaiato.

O Zezinho como chamavam ao rapaz mostrava um carácter muito revoltado com tudo... achamos que foi pela separa-

Num gesto simples de alguém que faz uma “postagem” no facebook sobre a Casa do Gaiato de Setúbal, deparámo-nos com um crescendo de oferendas que não podia deixar de partilhar convosco.

Algumas escolas destas redondezas, por iniciativa dos seus alunos, fizeram recolha de bens vários que, inesperadamente, nos fizeram chegar. Isto recorda o que nos pede o Papa Francisco: “que a fraternidade e a comunhão possam tornar-se nosso estilo de vida e alma de nossas relações”, e também nos deixa uma réstia de esperança de que os mais novos continuam abertos à partilha e a gestos solidários que devemos continuar a acarinhar.

Tenho de deixar em memória dois momentos neste fluir de pessoas que marcaram os rapazes. Um grupo de amigos motards que se organizou para partilhar

algumas oferendas e que chegou nas suas máquinas, para gáudio, principalmente dos mais novos. E na tarde de domingo fomos brindados pela chegada em bicicleta dos “pais” e “mães” natais, vestidos a rigor e com mais um séquito de mimos para adornar ainda mais a celebração do Natal. Até houve um momento de jet-set, pois recebemos a presença da “Fundação Benfica”, acompanhada pelo canal televisivo do clube, que nos presenteou com alguns miminhos e uns momentos de convívio com uma das antigas estrelas futebolistas de índole nacional.

Como a “beleza do Natal ressoa na partilha de pequenos gestos de amor concreto. Não é alienante, não é superficial, evasiva, pelo contrário, amplia o coração, abre-o para a gratuidade” (Papa Francisco), queremos deixar a todos os nossos amigos e benfeitores uma palavra de estima

ção da avó... os rapazes não demoraram em dar o apelido de «Zezinho do mal», pois sempre andava a lutar com os outros. Depois de alguns anos, a avó faleceu e ao mesmo começou a sua mudança... assistia às aulas normalmente e seu grupo de amigos... Não tardou em pedir uma troca de seu apelido... agora era «Zezinho fininho» porque era muito magrinho... os outros não demoraram em aceitar e só lembravam aquele nome quando fazia confusão com algum irmão.

Uns meses antes da chegada da pandemia da Covid lhe foi detectado um tumor na cabeça, depois de várias provas, pois tinha alguns episódios de epilepsia... Não tardamos a valorar a possibilidade de levá-lo para Portugal...

Quando regresssei a Angola fiquei impressionado pela mudança do comportamento do Zezinho... tornou-se um rapaz bondoso, carinhoso amigo de todos. Quando lhe perguntava pelo «Zezinho do mal», ele dizia que não existia, agora é «fininho. Todos em casa confirmaram a sua mudança até recuperar uma boa parte da mobilidade. O sonho dele era viajar com padre Rafael a Portugal... mostrava-lhe fotos do Porto, o Douro, as Pontes... e o Zezinho com uns olhos grandes dizia: “É muito boniiiiiiiito”... como saboreando com seu olhar.

A irmã Marlene ligou para informar-nos que o Zezinho já não está connosco... a sua alma partiu para o Céu... um grande silêncio se fez no meu interior. O padre Alfredo teve que despedir um dos seus meninos... e pôr com uma palavra de esperança e ressurreição. Onde o mundo vê o fim, um cristão acredita na continuidade daquela ressurreição que já se iniciou neste mundo. Agora, nós te lembraremos como «Zezinho do bem», porque para nós era um anjinho. Descansa em paz meu filho.

Padre Rafael

pelos pequenos gestos manifestados na gentileza do dia-a-dia, reveladores do seu carinho para connosco.

Que Jesus, na singela revelação do amor de Deus, e no acolcho de Maria, seja o DOM presente na família de todos vós.

Um Feliz Natal...

Padre Fernando

PELA CASA DO GAIATO DE SETÚBAL

A quadra natalícia, e em especial a Noite do Natal, com a Ceia, o momento “cultural” seguido da “missa do Galo”, e no final da mesma, o repasto partilhado, para aconchegar uma noite vivida de fortes emoções, anima nestes últimos dias a nossa Família.

Todos estão implicados na preparação deste acontecimento, que tem de nos levar a viver uma verdadeira fraternidade, em que o contributo do mais novo ao mais velho da Casa é essencial, para que o Dia do Nascimento de Jesus fique marcado cada ano, com indelével momentos de crescimento pessoal e harmonia comunitária.

Desde as limpezas gerais desta “casa grande”, à fixação dos textos para representação na festa, à “feitura” do presépio, todos estão implicados.

Estando nós ainda a viver uma certa “ameaça” de isolamento, trazida pela pandemia que parece querer continuar a marcar presença e levar ao distanciamento entre pessoas e laços familiares mais sentidos e presentes nesta época, não podia deixar de referir que, este ano, fomos muito prendados por gestos de carinho de muitas pessoas que se quiseram fazer presentes. As suas mensagens de proximidade e manifestações de solidariedade tornam a nossa vida no Gaiato mais jubilosa.

Não faltou quem nos viesse trazer o “bom bacalhau” para a “noite de consoada” e os frangos que são assados no nosso forno de lenha, aquecido à temperatura ideal, e são um verdadeiro repasto para os rapazes no dia de Natal.

Pelas CASAS DO GAIATO

BEIRE — Flash's

O cantinho do Sr. Manuel...

1. **A esperança é já uma festa.** Cada vez que passo ali, os olhos reveem, os ouvidos tornam a ouvir, o coração veste-se-me de esperança. Acredito que, já para breve, “o sol brilhará para todos nós”. Sem distinção de cores da pele, nem de credo, clube ou partido. Todos! Porque todos *homens por Deus amados* (Lc 2,14). Fazem-nos falta aqueles que, por manobras não sei de quê nem de quem, foram *arrebanhados* daqui ao engano e *ainda não* puderam voltar. Mas, a esperança é já uma festa.

O sol, a espreitar ali ao longe, anuncia a festa de um lindo dia. O chão da avessada, renovado de primaveras, parece um céu estrelado. São as gotinhas do orvalho da noite que, sob a acção daqueles reflexos, brilham e rebrilham. A cada inclinação minha — esquerda, direita, prá frente ou pra trás, para baixo e ou para cima — tudo se apaga, tudo reacende, tudo brilha e rebrilha. Um bocadinho de Céu na Terra! Que bom poder *ser/estar* assim de bem com a vida...

Dou graças por ter sido *inscrito* (depois, eu mesmo me *reinscrevi!*) nesta *Escola do Divino Mestre*. Esse *Filho do Carpinteiro* que, lá na Galileia daquele tempo, ensinava a ver o *Pai do Céu* nos lírios do campo — e nas gotas do orvalho... Esses lírios que “se vestem melhor do que o rei Salomão” (Mt 6, 24-34). Esse *Pai do Céu* que manda a chuva sobre justos e injustos. Esse *Carpinteiro* que, em menino, ouvia os *Salmos* e aprendia a cantar as *maravilhas saídas das mãos do Deus de Abraão, de Jacob e de Isaac*. Esse Nazareno que encantou os pequenos — a quem o *Pai* revela coisas que esconde aos grandes. E escandalizou a *sacerdotes do templo, escribas, fariseus e doutores da lei* — mais interessados em mandar cumprir leis por eles inventadas do que em *estar com* quem quer crescer para a vida...

Paro-me a meditar: *Ele* encantou e *desbaratinou* meio mundo. Ninguém Lhe ficava indiferente. Todos eram *mexidos* — a favor d’Ele (que *passou fazendo o Bem*) ou contra Ele (cuja vida punha em causa os *instalados nela à custa do sangue dos outros*). Mas todos eram *mexidos*. Depois é que veio a mornidão: nem quente nem frio. Papo cheio, *a ver a banda passar*...

Esquecido isto, criamos uma cultura da indiferença. Sem saber que *os tábios eu os vomitarei* (Ap 3, 15-16). Cultura do *quero lá saber de...* Cultura da angústia do *já nada me diz nada*. Cultura para *repasto* das farmacêuticas, psicoterapias e *parques de lazer*...

Assusto-me. Porque isso pode ser *um grito* deles — *... ainda não vi nessas que dizem interessar-se por Ele, ainda não vi nada que valha a pena... Nada que, qual Sopro do Espírito, me consiga arrancar daqui, me consiga empurrar para fora desta mornidão, desta tibieza, desta indiferença*.

Fico-me a ruminar. Sou *um sortudo*. Leve como o vento, sinto-me impelido por esta *Causa do Homem* — a única *Causa de Deus* que, creio-o firmemente, é a única coisa que a Ele verdadeiramente interessa. A Ele. A Pai Américo. A tantos que...

Mas ainda não há tantos quantos URGE que haja — porque faltam *operários para esta vinha* (Mt 20, 1-16).

2. **Aquele lugar é-me “sagrado”...**¹ Quando passei por ali a caminho da avessada, o sol espreitava por detrás da serra. Espreguiçava-se a estender os primeiros raios desta manhã por entre as árvores. Havia frechas que já chegavam até mim. Senti-me beijado e com fome de beijar também. Beijar o sol, beijar aquela manhã promissora, beijar aquele Deus *Abba*² que derrama assim sobre todos e cada um esta *bênção de esperança* que não deixa o mundo parar às escuras, com medos de *Covid’s*, da (in)segurança social, dos *corruptos* que, aproveitando-se do medo de uns, tentam a sorte — *a ver se pega*...

Com este beijo³ sagrado, tudo acordou em mim. Tal e qual naquele dia em que, naquele mesmo lugar, vi o Sr. Manuel, sozinho, no meio da mata. Estava numa posição de verdadeira *estátua orante* — mãos em *dádiva e acolhida*. Vi. Deslumbrado pelo que via e receoso de profanar um momento que, imaginei-o, estava a ser *sagrado* para o Sr. Manuel. Com o jeito de que fui capaz, juntei-me ao sagrado dele e tentei ser irmão — na Fé, fosse ela qual fosse... — *Sr. Manuel, o nascer do sol!*...

Não foi preciso mais. Sem mudar a postura corporal, desviou ligeiramente o olhar para mim, sorriu e, como que monologou — *A Natureza!*... Afastei-me tocado pelo mistério destes nossos doentes, neste nosso ambiente que ainda não sofre da *vulgaridade das obras semelhantes*... Senti de novo aquela emoção de deslumbramento — um doente daquele tipo, ali assim, mais orante do que eu...

1 — Gosto da palavra — *sagrado*. Tornado *sacro*. Isto é, sinal visível (*sacramento!*) de *ALGO* invisível que chama por mim para *O Bem Comum da Humanidade*. *The Common Good of Humanity*, como se diz agora... *Isso* que ainda ninguém viu mas que, acreditamos, já *SE* vai ver...

2 — Pois! *Abba* foi o nome hebreu que Jesus deu a este *Mistério Central da Vida* que, em cada dia, nos com+*VIDA* a não parar no trabalho da *construção do Reino dos Céus*, por Ele anunciado...

3 — Num beijo ninguém percebe // se o maior amor // está em quem o dá // ou em quem o recebe...

Um admirador



PAÇO DE SOUSA

VISITAS — Veio visitar-nos um grupo de catequese, com as suas catequistas e jovens que quiseram vir conhecer a nossa Aldeia e saber como é a nossa vida. Eu fui o cicerone, que lhes fui mostrando como é que funciona a nossa Casa. Apesar de não ser a época de piscina, os mais novos ficaram encantados com ela e gostavam de dar um mergulho. Para outra vez voltarão para vir conhecer o nosso Memorial Pai Américo.

NATAL — Celebramos o Natal de Nosso Senhor, começamos com a Ceia de Natal. Mais tarde celebramos a Missa do Galo na nossa Capela. Os rapazes dos cânticos foram o Joel, o Júnior, Nico e o Alziro. Eles cantam bem e tocam bem os seus instrumentos musicais. Os restantes rapazes vão recebendo a mensagem dos seus cânticos e vão acompanhando cantando também. Depois fomos ao

MIRANDA DO CORVO

AGROPECUÁRIA — Na nossa horta, temos uma boa estufa, na qual vamos plantando e apanhando alfaces para as nossas saladas. Também temos cortado couves tronchudas, em especial nesta quadra natalícia. No nosso pomar de citrinos, a poente, há boas árvores de frutos — tangerineiras e laranjeiras, carregadas de frutos que temos apanhado para as nossas sobremesas. Precisamos de mais galinhas poedeiras, para ir renovando o nosso galinheiro. Nós gostamos muito de alfaces, tangerinas e ovos, da nossa Casa! Com a chegada da quadra natalícia, era preciso dar uma volta no arranjo dos nossos jardins, pelo que foi cortada a relva e arbustos nas zonas de baixo e de cima e no largo da nossa Capela. Teve de se cortar uma palmeira doente, no jardim a nascente.

SAÚDE — Continua infelizmente a pandemia provocada pelo covid-19, que voltou a agravar-se, mesmo com o aumento de pessoas vacinadas. Desta vez, notou-se também na população de 12 anos para baixo, cuja vacinação acabou por ser autorizada. Na nossa Casa, foi testada toda a comunidade (PCR) e tiveram de ser isolados alguns rapazitos. Nos últimos dias de aulas do 1.º período, por precaução, foi decidido não nos deslocarmos para as Escolas, acompanhando via digital o que foi possível. Continuamos confinados, com as entradas e saídas limitas ao essencial. Embora seja aborrecido, mas muito necessário, temos de andar sempre que possível de máscara, pelo que vamos gastando muitas.

NATAL 2021 — Nas férias de Natal deste ano, fomos ocupando o nosso tempo principalmente nas nossas salas de estudo, varrendo os arruamentos, nas obrigações, apanhando tangerinas, tratando do gado, vendo televisão, jogando futebol e *matrecos*, brincando no parque e à apanhada. Vieram, com os devidos cuidados, amigos e amigas nossos trazer-nos prendas e bens alimentares, que muito agradecemos. No nosso refeitório, foi colocado o presépio principal e mais outros, em especial vários feitos por nós. Na noite de Natal e no dia, esperamos participar com muita alegria nas Missas,

nosso refeitório tomar o cacau e, no final, receber as prendas que o pai natal gaiato veio distribuir.

JARDINAGEM — O Paulo «Mudo» andou a podar as sebes da tipografia porque estavam muito altas. Fez também o corte das ervas do nosso campo pequeno, onde jogamos futsal, que já estavam muito grandes porque os nossos rapazes deixaram de lá ir jogar. Agora já dá mais vontade e gosto de jogar no campo pequeno.

CARPINTARIA — O sr. Faustino com a ajuda do António, depois de terminarem a vedação da nossa piscina, começaram a fazer duas vitrines novas para o Memorial Padre Américo, onde serão colocadas distinções feitas ao nosso Pai Américo e à nossa Obra. Continuamos disponíveis para receber algo relacionado com o Pai Américo ou com a nossa Obra, que os nossos Amigos tenham e nos queiram oferecer.

Fausto Casimiro

Página da OBRA DA RUA na internet

Visite o nosso site em www.obradarua.pt e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO e do Boletim AMA nos seus dois formatos:
 - Edição digital
 - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa. □

pois é um dia muito especial, em que celebramos o nascimento do Menino Jesus, nosso Salvador! Feliz Natal e saúde e paz em 2022!

PARTILHAS — É com muita gratidão que deixamos nesta coluna os nossos vivos agradecimentos a todos os amigos e amigas que nos fizeram chegar as suas partilhas, em especial pela quadra natalícia. Bem-hajam! Retribuímos os votos enviados — de saúde, paz e bem! Foram inscritas mais duas novas assinantes: Carminda — Póvoa de Varzim; e Maria do Céu Sacadura — Coimbra. Para o envio de ajudas, inscrição de novos assinantes d’*O Gaiato* e mais assuntos, eis os nossos contactos: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato, 3220-034 Miranda do Corvo; telef. — 239 532 125; correio electrónico — gaiatomiranda@gmail.com. IBAN — PT50 0035 0468 00005577330 18; NIF — 500 788 898.

Rapazes de Miranda

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Não estamos habituados a ouvir esta doutrina

FOI um desabafo de uma cristã colaboradora activa da liturgia e do canto na igreja.

O Papa Francisco continua sem cansaço, a pregar uma doutrina nova: *o rosto de Deus que Jesus Revela é de um pai para os pobres e próximo dos pobres.*

Toda a obra de Jesus afirma que a pobreza não é fruto de uma fatalidade, mas sinal concreto da Sua Presença no nosso meio.

Não O encontramos quando e onde queremos, mas Reconhecemo-LO na vida dos pobres na sua tribulação e indignação, nas condições por vezes desumanas em que são obrigados a viver.

Não me canso de repetir que os pobres são verdadeiros evangelizadores porque foram os primeiros a serem evangelizados e chamados a partilhar a Bem Aventurança do Senhor e o seu Reino.

Os pobres de qualquer condição e latitude evangelizam-nos

porque permitem-nos descobrir de modo sempre novo os traços mais genuínos do rosto do Pai. Eles têm muito para nos ensinar.

Fábio tem cerca de trinta anos. A mãe abandonou-o com dois anos e foi criado pela avó e pelo pai. A sua juventude foi uma avaria completa. Apanhado três vezes a conduzir sem carta, e sem dinheiro para pagar as multas foi obrigado a pagá-las na prisão com quatro anos e meio.

Eu conhecia bem o rigor das prisões. Hoje já não.

Sabe alguma coisa de construção civil e pôs-se a reabilitar a casa da avó que ele herdou.

Soube do Património. Telefonou-me a pedir ajuda: *Sim senhor! Eu vou aí ver.* É um primeiro andar num edifício com mais de cem anos pois as divisões ainda são feitas em tabique, isto é, madeira e massa de cal. O chão é de tábuas velhas, uma ou outra apodrecida que serão substituídas. Depois de raspa-

das o verniz cobri-las-á dando-lhes um tom nobre. O teto será renovado com pladur, as janelas substituídas e o ambiente mobilado.

Agora dorme no piso, no colchão que todos os dias levanta ao alto para não o sujar nem impedir as obras.

Andar com o Fábio, conversar com ele sinto a presença do Pobre que nasceu num presépio e morreu na Cruz por amor de todos os pobres.

Leitor amigo se não conheces esta Presença é porque não te deixas evangelizar! Nele descobri a justiça dos pobres e a injustiça dos ricos. Não defendo que este jovem fosse absolvido. Não senhor! Mas sim que a sua pena fosse proporcionada com a que é dada aos ricos e poderosos que roubaram o povo português tão castigado por impostos, sem saber que eles são obrigados a restituir o que roubaram e não serem aliviados de roubos, mas sim, nós sermos aliviados dos injustos impostos que continuamos a pagar ao Estado.

O princípio mais radical do Evangelho é a Justiça espezi-nhada pelos poderosos ladrões.

Pai Américo tinha razão ao gritar: *Ai! Se tu soubesses como*

é belo o Evangelho dos Pobres as montanhas caminhariam à tua frente e tu cantarías vitória.

Uma abandonada confessou-me que o pai dos dois filhos morreu de *overdose* e a deixou grávida.

Olho para a senhora e não tenho dúvidas! Ela diz-me que a gravidez é de alto risco e que trabalhava nuns viveiros perto do Poceirão com um subsídio de duzentos e sessenta euros. A casa custa-lhe trezentos e oitenta euros por mês. Trazia uma série de receitas para aviar, mas como? Dei-lhe dinheiro para aviar as receitas, paguei-lhe dois meses mais a água. Foram ao todo novecentos e quatro euros. Admite-se que um poderoso vigarista vá passar o Natal à Suíça e não se dê conta de

injustiça em que vive tranquilamente?

Isto é Evangelho? E não vai ele à missa e à comunhão todos os domingos? Mas então o que é isto? É Justiça? Ou é suborno? Os poderosos governam-se à vontade e os Pobres morrem à míngua.

Assim a pregação mais forte do Evangelho é a que os pobres fazem com o seu sofrimento.

Devemos vê-los, ouvi-los, visitá-los e sentir como eles para nos evangelizarmos.

Oh! Vicente de Paulo, oh! Frederico OzanaM ou tantos outros que amaram os Pobres, vinde iluminar esta gente que se atiram para um caldeirão e se afogam sem dar por isso.

Padre Acílio

PÃO DE VIDA

Continuação da página 1

A ocupação diária passou a ser uma matriz na vida comunitária, sendo certo que o trabalho é o remédio eficaz contra a miséria. De muitos, eis *um caso: O Luciano, sem casa nem família, é de Coimbra. Inteligente, simpático, qualidades estas altamente perigosas, anda na companhia de larápios e tem no activo numerosos furtos. Foi dar a Miranda. Encontrou-se feliz desde a primeira hora. Dá serventia a pedreiros, nas obras da nossa capela. Alguém pergunta-lhe se está contente e o que pensa fazer: tem, no momento à cabeça, uma tábua de cal. — Ando a ver se me venço [O Gaiato, n. 8, 11 Junho 1944].*

Sendo fundamental a vida espiritual na Obra da Rua, sublinhou: *A necessidade da educação religiosa não se discute, ela é fonte de vida. Casa-se com as possibilidades espirituais de que o garoto é portador; ele é participante da natureza de Deus, capaz de amar e de conhecer o belo, o justo, o verdadeiro [O Gaiato, n. 6, 14 Maio 1944]. E mais: A oração em comunidade é presidida pelo garoto da semana, tanto à mesa como nas camaratas, ao deitar e ao levantar. As em particular são feitas por cada um, a seu talante [Obra da Rua, p. 52].*

Como bola de neve, foi rolando a vida cheia desta nova Casa de família para os gaiatos das ruas. Os pedidos de acolhimento aumentavam sobremaneira, pelo que teve de alargar os seus horizontes e os seus olhos pousaram no Vale do Sousa, de fundas raízes e ramos genealógicos. Deixou, então, de residir na Diocese de Coimbra, onde viveu de 1925 [entrada no Seminário] a 1943, mais de 17 anos. Assim, nesse ano, instalou a *Casa do Gaiato das Ruas do Porto* no antigo mosteiro (e cerca) beneditino de Paço de Sousa e mandou construir em granito a linda *Aldeia do Gaiato*. Na Capela desta Casa [desde 1961], sede da Obra da Rua, encontra-se a campa rasa do Venerável Padre Américo [1887†1956], repousando dos seus muitos trabalhos, de amor a Deus e ao próximo, que se foram estendendo por Portugal inteiro e além-mar. Por coincidência feliz, as iniciais do seu nome — *Américo Monteiro de Aguiar* — foram a síntese da sua vida: AMA!

Dos Natais felizes da sua infância de família numerosa, em Galesgos, aos Natais de inúmeros pobres dos quais se aproximou e cuidou, Pai Américo foi ajudando a iluminar muitas estrelas na escuridão, pois viu e seguiu a Estrela de Belém — o Menino Jesus. Este feixe de luz dos primórdios, ao jeito de Nazaré, continuou após o seu *dies natalis*. O Natal é sempre de Jesus, de todos os meninos e meninas, que vêm ou não a luz. Nos caminhos humanos, Jesus é o Caminho e a Luz do mundo!

Padre Manuel Mendes

DOUTRINA

«Nós agora atiramos-lhe flores»



O segundo grupo das Colónias de Campo correu sem novidade. A boroa era o grande mimo dos colonos: «A gente, em casa, não temos assim!» Pois não. Quem é que tem hoje pão?!

Antes do seu regresso à *ilha* vieram à nossa Aldeia pesar-se e fazer suas despedidas. Tinham vindo, antes, por duas vezes, fazer uma serenata à malta, a cantar o «Pinga». Oh que primor de vozes! Os nossos responderam no dia seguinte com o «Foi na loja do mestre André», também em forma de serenata, mas ficaram muito aquém.

Eu estava em cima, na varanda, e via-os a sair um a um da casa da balança: «Levo mais um quilo!» Tantas alegrias juntas na alma daquele pequenino! A de ter comido bem. A de se sentir mais forte. A de regressar a casa. Esta, a maior de todas! Como haveria no mundo mais felicidade e mais interesse pela vida, se cada um tivesse a sua casa, só pela força amorosa que de lá vem! A gente lê esta verdade na alma da criança. O dia do regresso é o maior: vão para casa.

Desci abaixo, para estar mais perto deles. Um grupo acode imediatamente a fazer-me festas. Eu também as fiz e disse:

— Hoje tratais-me assim, mas, amanhã, no Porto, correis-me à pedra.

Nisto, levanta-se um pequenino das *ilhas* de S. Vítor, fita-me com uns olhos flamejantes e exclama:

— Não! Nós agora atiramos-lhe ramos de flores.

As flores deram sempre matéria para lendas milagrosas. Conta-se da Rainha Santa um caso de flores. Flores; este ramo de flores que o garoto das ruas tem para me atirar, é um milagre de amor.

Embarcaram em Cête no comboio das 18 e quê. Nas estações, quere-se saber o que é tanta

chilreada. Pergunta-se. Cada um guarda na sua alma, a seu modo, a novidade. Nem todos da mesma sorte. É um erro dizer-se que somos iguais. Estamos agora ocupados com o terceiro grupo, mais difícil porque mais crescidos. Os monitores são: o Armindo, da Faculdade de Engenharia; o Manuel, do Seminário de Coimbra; o Nuno de Riachos, do Seminário dos Olivais; e o Batista, do Porto.

O Nuno estava na estação de S. Bento, ao embarque. É costume comparecerem colonos que já estiveram, a ver se falta algum à chamada e vem novamente na sua falta. É costume. Pois bem. Todos estes se atiravam ao Nuno, de contentes. As mães diziam: «Olha como os nossos filhos são amigos do senhor doutor!» «Como eles são bem tratados!», diziam outros. É o povo chamado baixo. Só as mães.

«Senhor doutor» chamam elas a um neo-sacerdote. Elas não conhecem nome mais alto na sociedade. Dão o superlativo a quem dá aos filhos o superlativo: «Como eles são bem tratados!» Ontem, se aquele «senhor doutor» passasse no Beco, seria um «padreca».

Isto são factos. Vale a pena meditá-los. A Igreja precisa de ir buscar. Chamar, para quê? Não vêm. Conta-se que um sacerdote foi mandado a Paris para fazer apostolado nos bairros pobres onde havia portugueses. Chegou lá. Pôs cartório. Esperou. Ninguém apareceu. Regressou à base. Eis.

Eu também estava. Uma velhinha, «eu tenho 80 anos», mostra-me o neto: «Olhe, fique-me com ele». E conta-me como desejaria morrer bem por saber o seu netinho abrigado — que para maior mal «tem o costume de bulir no que está quieto».

Mas há males maiores. Eu não fiquei com o seu netinho! Não posso. Não temos espaço nem organização; e não queremos amontoar.

PAI AMÉRICO, *Notas da Quinzena*, pp 97-99



SEDE DO EDITOR: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt

facebook.com/Casa.do.Gaiato

www.obradarua.pt https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 12750

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

BENGUELA – VINDE VER!

Quando é Natal
... é assim

A longo do tempo de advento, fomos convidados a preparar o caminho para que o Menino Jesus que vem ao nosso encontro possa ter acesso ao nosso coração. Jesus vem! Mas já veio há mais de dois mil e vinte anos! Continua a vir todos os dias, em cada hora e em cada circunstância da nossa vida! E mais a ainda – há-de vir no fim dos tempos para restaurar todas as coisas e entregar o Reino a Deus — nosso Bom Pai. “É Ele que nos dá a graça de nos prepararmos na alegria do seu nascimento, afim de nos encontrar alegres na oração e vigilantes na fé, celebrando os seus louvores”.

É costume acontecer no seio das famílias de quando em vez receber visitas. E mesmo quando de surpresa aparecem são bem-vindas. As famílias cristãs têm a graça de receberem da Igreja Mãe o convite para dar início à preparação de tão ilustre visita ao nosso pobre mundo. Deus vem! Na humildade e na alegria, no silêncio e pobreza, numa noite venturosa e de estrelas cintilantes. É este o motivo da nossa preparação para o Natal do Senhor; endireitar os caminhos tortuosos, derrubar os montes e colinas que não nos permitem ver o outro como nosso irmão, e por isso nos afastamos do convívio junto de Deus. O pecado é sem dúvidas a grande muralha que impossibilita viver feliz

PENSAMENTO

Se tens devoção de mimosear um pequenino órfão, um velhinho sem ninguém, uma viúva doente, um rapaz desenganado, podes fazê-lo por meu intermédio [...] Manda bem. Dá bem, que o valor da esmola não se tira do quanto, mas sim do como. Esconde-te da mão esquerda, muito agachadinho, não vá ela bisbilhotar — ela, a mais traiçoeira, porque mais perto do coração! A esmola assim escondida é sacramento de que tu mesmo és ministro da matéria, da forma e da intenção. Que os mais publiquem nomes e listas; a Sopa segue a lição do *in abscondito* — luz do Evangelho onde o Pai Celeste vê tudo.

PAI AMÉRICO, *Pão dos Pobres*, 2.º vol, 5.ª ed., p 24.

NOVO LIVRO

Foi no dealbar do ano de 1964 que começamos os trabalhos para a construção da Casa do Gaiato de Benguela. Começara a corrida estonteante para incutir uma ideia, tocar os corações e congregar boas vontades para valer a tantas crianças geradas fora do ambiente familiar. Foi tempo de abrir feridas por não poder acolher a todos os que justamente deveriam encontrar na Casa do Gaiato a família que nunca tiveram, mas que, pela impossibilidade de chegar a todos, tinham de continuar a sua vida sem rumo digno.

Rapidamente passou uma dezena de anos... A Aldeia do Gaiato foi integralmente construída e integrada no mundo das relações humanas e sociais, e muitos dos seus filhos encontraram a autonomia no meio da sociedade, normalmente constituindo a sua família, pois a vida em família foi um dos maiores valores que lhes foi proposto na Casa do Gaiato. Tanto se fez em tão pouco tempo...

O ano de 1974 veio interromper bruscamente a vida desta família, dispersando-a. Mas como o que é verdade não pode não ser, de novo as portas da Casa do Gaiato de Benguela se abriram, no início da década de 90, para se reconstruir e retomar a sua tarefa de bem-fazer aos seus, os rapazes da rua e os pobres abandonados à sua indignância.

A independência das colónias portuguesas trouxera Padre Manuel António para Portugal, no apogeu da sua idade adulta. Encontrei-o pela primeira vez, nessa circunstância. Retive uma frase sua: «Nós precisamos de entusiasmo na vida!». Eram as saudades de Angola e do seu povo a quem se referia muitas vezes nos seus escritos. Não esperou muito pelo regresso. Aguardavam-no muitos de braços abertos.

O primeiro encontro com Pai Américo marcou-o profundamente. Sempre que a propósito o recontava, acompanhado de um cigarrito, enquanto a saúde permitiu, tal como Pai Américo fazia habitualmente:

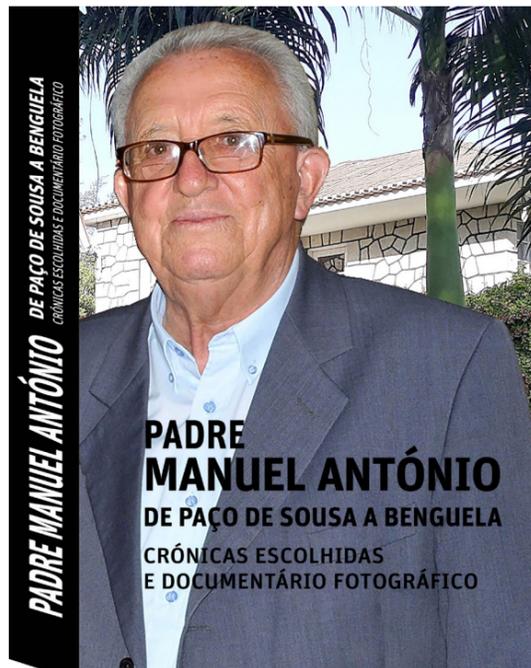
na presença de Deus com os irmãos com que partilhámos este itinerário peregrinante a caminho da Casa do Pai.

Tendo terminado o tempo do advento é notório o ambiente de alegria contagiante em nossa Casa. Os mais pequenos foram encontrados a fazer presépio debaixo das bancadas do campo de futsal e deixaram tudo cheio de lodo. Puseram-se em fuga e deixaram lá o material de trabalho. Na missa do quarto Domingo o «Valu» veio e acendeu a quarta vela dentro da coroa do advento. A luz cresceu agora são quatro, e na homilia ficou dito que não mais uma quinta vela para ser acendida — a luz brilhará na noite de Natal — é o nascimento de Jesus. Noite de luz e de paz. Noite de harmonia e cânticos de louvores. Noite de gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens amados. Noite da noite feliz! Noite em que os homens são chamados a dormirem em Paz.

Dentro da preparação para o Natal foi aberto um concurso de construção de presépios por casas. Em todas as salas das nossas casas há um presépio montado. Cada um com a sua marca, sua mestria e sua originalidade. Os mais velhos da casa dois de cima fizeram no ano passado um presépio tão lindo, tão lindo que até metia inveja aos das outras casas. Tinha até piscina e um prédio. Pensavam já que haviam de ganhar o concurso. E no fim da votação tinham perdido. Qual foi a razão? No presépio nada de piscina e nada de prédios. Jesus nasceu numa manjedoura. Pobrezinho nasceu em Belém!

Os rapazes da cozinha e os que andavam a fazer o curso de pastelaria, já apresentaram as receitas para os ingredientes, os jardins foram arranjados e estão muito bonitos, foram pintados os lancis e as palmeiras do centro da calçada. O «José Graça» já fez a poda das sebes. Estão lindas, parecem mesmo um muro pintado de verdes folhas e flores vermelhas. À hora do Terço já se cantam os hinos de Natal. Mais meia hora de reflexão e três sacerdotes vieram também a convite para as confissões. Jesus quer encontrar um coração limpo para nele morar. Vamos acolhê-lo com amor. É Natal, é assim no meio de nós, é Deus conosco. Já veio!

Padre Quim



Tinha vindo para Cête, nas férias, participar numas colónias de rapazes que aí decorriam. Estando a dois passos de Paço de Sousa deslocou-se lá e manifestou a Pai Américo o desejo de entregar a sua vida sacerdotal, que começaria em breve, à Obra da Rua. Seu Bispo, D. António Ferreira Gomes, no dia da ordenação, enviou-o para servir na Obra e sublinhou o gesto com a manifestação do seu próprio desejo de que como gostaria que houvesse mais padres para, na Obra, servirem os pobres.. — do Prefácio do Padre Júlio.

Enviá-lo-emos a quem no-lo pedir pelo telefone: 255 752 285, e-mail: geral@obradarua.pt ou directamente no site: www.obradarua.pt

DA NOSSA VIDA

Consciência

É habitual no final de cada ano fazerem os media uma retrospectiva dos acontecimentos que mais se destacaram no ano que termina. Infelizmente, ficam por aí, porque seria muito benéfico que fizessem uma crítica ao que de mau aconteceu e, simultaneamente, lançassem pistas para que os males viessem a ser corrigidos no futuro.

Fazer a análise moral dos acontecimentos, hoje, poucos o fazem. A sociedade a que pertencemos é, em grande parte, amoral; aceita ou fica indiferente perante a diferença e não encontra justificação para que alguém possa criticar comportamentos que considere desadequados do ser humano.

Todo aquele que tem a missão de ajudar a crescer, educando, nunca perde o sentido moral dos acontecimentos em que anda mergulhado. Os polos mal e bem são referências e caminhos de crescimento, pessoal e social. Há quem não pense assim, mas sem dúvida que toda a vida e todas as vidas vivem sempre na bipolaridade, a começar na vida e na morte. Até os nossos estudantes sabem que, quando começam um novo ano lectivo, vão terminá-lo numa de duas possibilidades: Transitar de ano ou reprovar.

Esta tomada de consciência das realidades, ajuda-nos a sabermos o que temos de fazer para alcançar o que pretendemos. É, portanto, proveitoso para a nossa vida, que as suas várias vertentes se vão orientando no sentido conveniente, para que, chegada ao fim a caminhada, se obtenha êxito. Entretanto muitos ajustes se foram fazendo na vida, os quais contribuíram, decisivamente, para esse desiderato. É, por isso, fundamental ter uma consciência crítica sobre as opções que se nos apresentam, aceitando umas e rejeitando outras.

A via da amoralidade não é, a nosso ver, aceitável.

Muitos dos males que acontecem, têm na sua raiz comportamentos imorais. O modo de os evitar, seria ajudar a formar as consciências, começando por valorizar o cuidado que cada pessoa deve ter com a formação da sua consciência. De outro modo, não se reduzirão os males e unicamente se actuará depois dos factos consumados, com meios de recurso em si nada bons: mais cadeias, mais e mais bem armada polícia, construção de muros anti-homens, etc., para além de outros males, também morais, como os que orientam para a rejeição dos outros que são exteriormente diferentes.

A moral, particularmente a nossa, cristã, é então uma ferramenta muito importante na educação das novas gerações e para o diluir dos problemas pessoais e sociais. Mas nunca uma moral paternalista, como vemos ser posta em prática por quem se quer mostrar como defensora dos indefesos, mas antes apontando para a responsabilidade dos intervenientes no processo de crescimento e educação para a vida.

Padre Júlio

SINAIS

NÃO me recordo o ano. Foi num Natal, na nossa Casa do Gaiato, em Malanje, Angola.

Disse aos nossos meninos que não tínhamos dinheiro para prendas nesse Natal. — *Fazei os vossos carrinhos de alpercatas velhas. Teremos uma corrida com os vossos carrinhos e uma grande prenda para o vencedor.*

Foi um delírio e oficinas de carros em todos os cantos!

Como em todos os Natais, o nosso Fernando Dias orientou o Presépio, feito por eles de barro amassado e desde o Menino Jesus ao rei Herodes. Uma maravilha!

Veio o Dia de Natal. Depois da Santa Missa, beijamos o Menino (meninos beijaram o Menino!).

O almoço foi maravilhoso! Começou o delírio da corrida de carrinhos. Cada um treinando já no largo da nossa Aldeia.

Como de costume, a zona da nossa lagoa estava cheia de visitantes.

Os nossos meninos testavam os seus carrinhos. Um delírio!

Nisto, o choro de uma criança da cidade — choro em gritos ansiosos. Tinha recebido como prenda de Natal um automóvel teleguiado.

Os pais aflitos vieram ter comigo: — *O nosso filho grita e chora. Ele quer um carrinho igual ao dos seus filhos.*

Chamei um gaiato, falei-lhe na aflição do menino e ele foi oferecer-lhe o seu carrinho. Fiquei feliz e comovido e os pais do menino, com um olhar de admiração, sorriram felizes.

Tocou um apito. E o menino chorão correu para entrar na fila do concurso.

Um gaiato da terceira classe ganhou o primeiro prémio. O segundo e o terceiro foram também contemplados.

A corrida foi um sucesso.

Os nossos visitantes admiraram o nosso Presépio, feito pelos nossos rapazes. Natal feliz.

— *O Menino Jesus está a sorrir* —, disse um velhinha. Por certo que sim.

Padre Telmo